



AMOR E MORTE: UMA ANÁLISE DAS HEROÍNAS OVIDIANAS

Mariana Carrijo Medeiros¹ (UFG)

Nascido em Sulmona, no ano 43 a.C., o poeta Públio Ovídio Nasão pertenceu a uma família que fazia parte da aristocracia imperial romana. Frequentou excelentes escolas de retórica em Roma, entretanto preferiu a arte à retórica. O poeta latino fez parte também dos denominados *Neoterói* (os Novos), os quais não estiveram tão preocupados em manter na poesia latina características predominantemente nacionais, recebendo diretamente influência dos alexandrinos e tratando em suas poesias de temas que se referiam, sobretudo, ao amor. Em 8 d.C o poeta foi degredado para Tomos, localizado nas margens do Mar Negro. O verdadeiro motivo para tal desterro é desconhecido, entretanto o pretexto oficial foi a censura imposta por Augusto a sua obra *Arte de Amar*, devido a imoralidade² atribuída a esta. A morte de Ovídio ocorreu na cidade em que se encontrava exilado no ano 17 ou 18 d.C.

A obra de Ovídio que será analisada ao longo desta comunicação foi intitulada *Heroides*. Esta é composta por vinte e uma cartas fictícias, as quais foram escritas, em grande parte, por heroínas lendárias, e apenas uma por heroína histórica – a de Safo. As cartas presentes na fonte são: de Penélope para Ulisses, de Filis a Demofonte, de Briseis a Aquiles, de Fedra a Hipólito, de Enone a Páris, de Hipsípila a Jasão, de Dido a Enéias, de Hermíone a Orestes, de Dejanira a Hércules, de Ariadne a Teseu, de Cànane a Macareu, de Medéia a Jasão, de Laodâmia a Protesilau, de Hipermnestra a Linceu, de Safo a Faón, de Páris a Helena, de Helena a Páris, de Leandro a Hero, de Hero a Leandro, de Acôncio a Cídipe e de Cídipe a Acôncio.

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História. Orientada pela professora Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves, desenvolve pesquisa na área de História Antiga. Contato: marianacarrijomedeiros@gmail.com

² Para Pierre Grimal (1991), Ovídio foi considerado imoral, por Augusto, não devido à indecência de suas descrições, mas por ter rompido com os valores morais romanos, os quais ponderavam que a paixão deveria ser considerada a causa da destruição do homem, e ter se esforçado em mostrar que a paixão não é nenhuma doença ou aberração.



Neste trabalho, procuraremos destacar a relação entre amor e morte presente na fonte. Amor este que era apresentado pela moral romana como o motivo de destruição e morte do homem. Visamos também fazer um esboço sobre o gênero da mesma, o dístico elegíaco, bem como discorrer um pouco sobre a influência grega contida nas cartas, *contaminatio graeca*.

O poeta romano se dedicou ao gênero denominado dístico elegíaco, o qual abordava temas relacionados, sobretudo, ao amor. Centrou sua atenção na mente humana, nos sentimentos amorosos e nas conseqüências ocasionadas por eles. Contemplou não só a paixão vivida por ele, mas os sofrimentos amorosos universais. Talvez a originalidade de Ovídio, no que se refere ao gênero epistolar, esteja centrada neste aspecto.

No entanto exatamente por isso Ovídio é testemunha de sua época. Seus predecessores haviam sido em larga medida testemunhas de si mesmos. Ovídio, ao contrário, representa fielmente a opinião de seus contemporâneos sobre o amor, a idéia que faziam de seu papel na vida das criaturas, da parte que convinha lhe atribuir, dos objetivos que ele perseguia. (GRIMAL, 1991, P.155).

A elegia herdou características tanto da epopéia quanto da poesia lírica. Assim como na epopéia, no dístico elegíaco há a narração da instável relação do homem com as situações com as quais ele tem que lidar. Normalmente, o que é narrado pelos poetas está associado aos feitos dos heróis, deixando claro que a ação destes personagens humanos não se desvincula da interferência da ação divina. Da lírica herdou a grande preocupação com a forma, caracterizada pela busca da expressão rara. O gênero epistolar é caracterizado pela intensa celebração do amor associada a apresentação de acontecimentos que ocasionaram a frustração amorosa dos personagens, ganhando assim um enredo semelhante ao da tragédia.



Dentro do documento textual em análise nesta comunicação, podemos perceber também a influência grega, denominada *contaminatio graeca*³. Grande parte das cartas foi baseada em mitos gregos, apenas a de Dido a Enéias foi fundamentada na lenda romana. Para Robert Turcan, as grandes civilizações são resultados, muitas vezes, do encontro de tradições diferentes, as quais se mesclam em prol do alcance de sínteses mais grandiosas. “*La civilización griega es hija de Oriente, como la civilización romana es un producto de la educación griega.*” (TURCAN, 2001, P.16). Assegurar que a cultura romana foi influenciada pela cultura grega não significa que a primeira foi um simples decalque da segunda. Mesmo quando poetas latinos utilizavam poetas gregos como modelos, conseguiam atribuir às obras um temperamento próprio e, portanto, originalidade, o que pode ser percebido nesta obra de Ovídio, mesmo tendo sido este um fiel imitador da poesia alexandrina. Para Pierre Grimal, “... a influência da literatura grega não impediu de modo algum os autores romanos de criarem obras originais e capazes de exprimir as idéias e as tendências do seu tempo e da sua raça.” (GRIMAL, 2009, P. 157).

Para a melhor compreensão do binômio amor e morte - associando-o, em alguns casos, a guerra – optamos por destacar algumas cartas que abrangem melhor o assunto, tais como a carta de Laodâmia a Protesilau, de Fílis a Demofonte e de Enone a Páris.

Laodâmia se casou com Protesilau pouquíssimo tempo antes do herói partir para a guerra de Tróia. O contexto desta carta foi imaginado por Ovídio no momento em que a armada grega fora retida em Áulis, e foi para lá que a heroína enviou a carta. Nesta carta podemos perceber a condenação das expedições militares, destacando o sofrimento e a angústia ocasionados pela guerra, mesmo sendo esta justa ou injusta (FERREIRA, 2004). Como exemplo desta angústia gerada pela guerra e da condenação da mesma, citamos como exemplo o seguinte fragmento do documento:

³ Termo empregado pelo autor Robert Turcan na obra intitulada *Los Cultos Orientales En El Mundo Romano*, 2001.



Teria dado mais beijos e feito mais preces a meu esposo; há muitas coisas que gostaria de dizer-te ainda. Deixaste este lugar precipitadamente; o vento chamava tuas velas; era o que desejavam os marinheiros, não eu; esse vento, favorável para os navegantes, não o era para uma amante... Dárdanos, eu vos peço, de todos os inimigos, poupai apenas um; que o sangue não corra desse corpo. Não é ele que deveis combater com a espada nua na mão [e contrapor aos golpes dos guerreiros um coração intrépido. Seu ardor é demonstrado bem mais no amor do que nas batalhas.] Que outros façam a guerra; Protesilau deve amar. Confesso agora, quis fazer-te voltar e meu coração pedia isso, mas o medo de um mau agouro deteve minha língua. (Ovídio, Heroides, XIII)

Sabemos pelo mito que Protesilau foi o primeiro herói a perecer na guerra. Ao receber a notícia da morte de seu marido, Laodâmia pediu aos deuses que o restituíssem por apenas três horas. O herói foi devolvido à vida durante o tempo determinado, e ao regressar para o Hades, a heroína cometeu suicídio.

Demofonte, ao retornar da guerra de Tróia, fora atirado na corte Trácia e lá foi acolhido pelo rei Licurgo, cuja filha, Fílis, o herói desposou. Em seguida ele a abandonou por Atenas, prometendo voltar, entretanto não retornou. Na carta da heroína para Demofonte, ela queixa-se da ingratidão dele, haja vista que Fílis o acolheu e tudo que teve em troca foi o abandono, mas ainda assim espera pelo seu retorno, na esperança de suas promessas terem sido sinceras:

Tenho ainda nos olhos o espetáculo de tua partida; vejo tua frota, pronta para navegar, estacionando em meus portos. Ousaste abraçar-me e, inclinado sobre o pescoço de tua amante, imprimir sobre meus lábios ternos e longos beijos, confundir tuas lágrimas com as minhas, queixar-te do favor dos ventos que enfunavam tuas velas e dizer-me, afastando-te,



estas últimas palavras: “Fílis, espera teu Demofonte”. Esperaria por ti, que partiste para nunca mais ver-me? Esperaria pelas velas, que evitam nossos mares? Todavia espero: volta para tua amante: já demoraste tanto! Que tua promessa tenha sido falsa somente quanto ao tempo! (Ovídio, *Heroides*, II)

Como observou José Ribeiro Ferreira (2004), o caráter da paixão excessiva, associado ao amor não correspondido, ao não cumprimento dos juramentos de lealdade faz com que a paixão se sobreponha a razão, levando a heroína a cometer o suicídio, como podemos constatar no seguinte fragmento das *Heroides*:

Minha resolução está tomada; a morte prematura vingará minha juventude perdida. A escolha do trespasse pouco me impedirá. Teu nome será inscrito no meu sepulcro como a horrível causa da minha morte; através dessa inscrição ou de uma outra parecida, teu nome ficará conhecido: “Demofonte deu a morte a Fílis; ele foi seu hóspede, ela sua amante: a sua morte deu-lhe a causa e ela a mão”. (Ovídio, *Heroides*, II)

Após ter ido nove vezes ao encontro de Demofonte, o que é conhecido como “os nove caminhos”, Fílis cometeu suicídio, enforcando-se. Mais tarde Demofonte pagou com sua vida o erro que cometeu com ela.

No caso de Enone e Páris, a ninfa enamorou-se por ele e iniciaram uma relação amorosa. Ela possuía o dom de conhecer as plantas medicinais, e ganhou isso de Apolo como recompensa de sua virgindade. O herói optou por abandoná-la em troca de Helena, e Enone disse-lhe então que, se alguma vez fosse ferido, teria de voltar para junto dela, pois só ela poderia salvá-lo. Na carta, a ninfa relembra os momentos felizes que eles viveram.

Muitas vezes, entre os rebanhos, nós descansamos juntos à sombra de uma árvore, e a relva, misturada às folhagens que brotavam, nos



oferecia um leito de verdura; muitas vezes, estendidos sobre o musgo, uma humilde cabana nos protegeu da branca geada. (Ovídio, Heroides, V)

Queixa-se ainda na carta, assim como na carta e Fílis a Demofonte, do não cumprimento dos juramentos de fidelidade feitos a ela, e argumenta que ainda assim continua fiel a um marido que a traiu. Suplica também para que o herói retorne a seus braços:

É fazer da honra uma vergonhosa aprendizagem preferir à pátria uma mulher raptada. Tua causa deve fazer-te corar e o esposo persegue uma justa vingança. E não te enganes, se ainda restar-te alguma prudência, a respeito da fidelidade de uma mulher da Lacedemônia que se atirou tão prontamente em teus braços. (Ovídio, Heroides, V)

Sabemos pelo mito que um tempo após ter abandonado Enone, Páris foi atingido por Filoctetes com uma flecha. Então recordou-se da promessa da ninfa e foi procurá-la. Entretanto ela estava furiosa pelo abandono sofrido e não quis curá-lo. O herói morreu e, ao saber da morte do mesmo, Enone enforcou-se.

Através destes fragmentos, observamos que os romanos possuíam uma atitude ambígua em relação ao amor. Desconfiavam dele como uma loucura, como o causador da destruição de almas e cidades e, ao mesmo tempo, tinham fascínio pelo poder exercido por ele. Como observou Pierre Grimal (1991), o amor estava intrinsecamente ligado ao drama e aos mistérios da vida para negá-lo pura e simplesmente. Os homens temiam em menor intensidade as investidas do amor, enquanto as mulheres se deixavam entregar-se facilmente a ele, colocando em risco a pureza da raça. Os primeiros podiam fazer amor levemente, já para as mulheres este mesmo ato era tido como uma iniciação perturbadora, modificando todo o seu ser – o que nos parece ser o grande motivo para a morte das heroínas nestas cartas. Entendemos que estas podiam cometer suicídio pela



inquietação que viviam devido a ausência do herói amado, associada a perturbação do amor leviano que tinham, ou por preferirem a morte à desonra ocasionada pelo abandono sofrido pelo amante.

Nesta comunicação, tivemos como objetivos centrais posicionamentos acerca da obra de Ovídio intitulada *Heroides*, no intuito de dirigir nossos futuros estudos para a melhor compreensão desta fonte textual. Para isso, focamos algumas cartas que abrangem o tema relacionado ao binômio amor e morte, e pudemos compreender que estes estiveram intrinsecamente ligados dentro da cultura clássica. O acesso a essas cartas, escritas pelo autor em questão, nos permitiram perceber que este, juntamente com seus predecessores⁴, colaboraram grandiosamente com a revolução moral ocorrida durante a época de Augusto, a qual introduziu em Roma o amor e contribuiu para libertar a mulher romana da prisão de respeito que a moral romana as detinha. A elas foi ainda concebido o direito de amar e de consentir em sua fidelidade.

⁴Catulo, Tibulo e Propércio.



Referências Bibliográficas:

Fonte Documental:

OVÍDIO. *Cartas de Amor*. As Heróides. Trad. SILVA, Dunia Marinho. São Paulo: Landy Editora, 2007

Fonte Historiográfica:

FERREIRA, José Ribeiro. *Amor e Morte na Cultura Clássica*. Coimbra: Ariadne Editora, 2004.

GRIMAL, Pierre. *O Amor em Roma*. Trad. FEIST, Hildergard Fernanda. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA., 1991.

GRIMAL, Pierre. *A Civilização Romana*. Trad. AUBYN, Isabel St. Lisboa: Edições 70, 2009.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Trad. JABOUILLE, Victor. 4a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SCHÜLER, Donaldo. Definições do Épico. In: APPEL, Myrna Bier. GOETTEMS, Miriam Barcellos. (Org.). *As formas do Épico: da epopéia sânscrita à telenovela*. Porto Alegre: Editora movimento.

TURCAN, Robert. *Los cultos orientales en el mundo romano*. Trad. SEISDEDOS, Antonio. Madrid: Biblioteca Nueva, 2001.



I Congresso **Internacional** do Curso de História da UFG/ Jataí - GO
e 7^a Semana de Letras

Gênero Cultura e Poder

Campus Jataí da Universidade Federal de Goiás (UFG)

28/09/2010 a 01/10/2010

ISSN: 2178-1281

Parcerias:
Direito, Letras e Psicologia